

Jovens Kamaiurá no século XXI¹

Vaneska Taciana Vitti

Universidade Estadual de Campinas

Carmen Junqueira

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: *O povo Kamaiurá tem contatos regulares com a cidade de Canarana, Mato Grosso, Brasil. Neste trabalho, pretendemos investigar a frequência das visitas dos Kamaiurá a Canarana. De modo geral, são os jovens que mais frequentam a cidade e, diante disso, decidimos estudá-los com o intuito de verificar que tipo de mudança os afeta ao ficarem expostos a estímulos inerentes à vida na cidade; e como reagem aos estímulos, organizam e acomodam, na aldeia, informações, valores e bens que adquirem nessas viagens.*

PALAVRAS CHAVES: *povos indígenas, Kamaiurá, juventude indígena, Parque Indígena do Xingu, contexto urbano.*

RESUMEN: *Los kamaiurá tienen contactos regulares con la ciudad de Canarana, Mato Grosso, Brasil. En este trabajo, tenemos la intención de investigar la frecuencia de las visitas de los kamaiurá a Canarana. En general, son los jóvenes que más frecuentan la ciudad y, antes de eso, se decidió estudiarlos con el fin de comprobar qué tipo de cambio les afecta al estar expuestos a los estímulos inherentes a la vida en la ciudad; y cómo reaccionan a los estímulos, y cómo organizan y acomodan en el pueblo, información, valores y bienes que obtienen en estos viajes.*

PALABRAS CLAVE: *pueblos indígenas, Kamaiurá, juventud indígena, Parque Indígena del Xingu, contexto urbano.*

Os Kamaiurá, junto com outros treze povos dos troncos linguísticos Tupi, Aruak, Karibe e Trumai, vivem no Parque Indígena do Xingu, estado do Mato Grosso, Brasil. A população total é de 4 840² pessoas, que vivem em

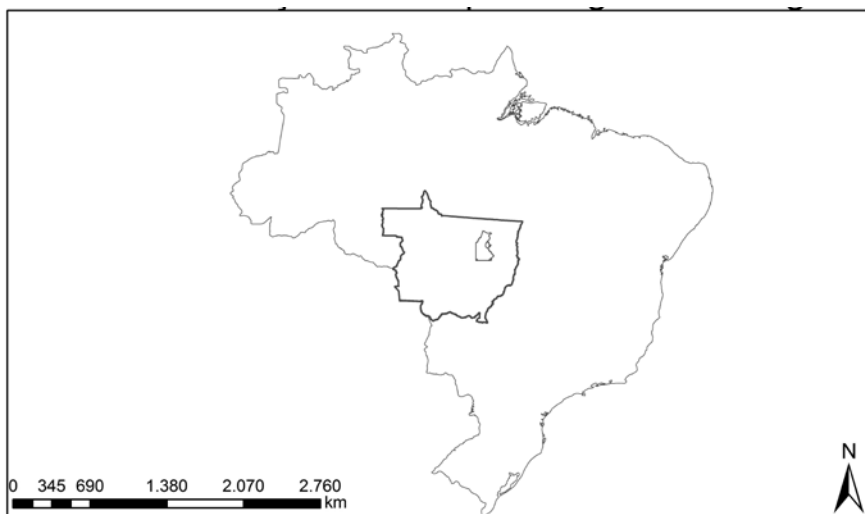
¹ Uma parte desse trabalho foi apresentada como dissertação de mestrado “Jovens Kamaiurá no século XXI”, defendida no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP.

² Fonte: Censo Demográfico Brasileiro 2010.

69 aldeias, distribuídas pela porção norte (Baixo Xingu) e sul (Alto Xingu), área de significativa homogeneidade cultural.

O Parque Indígena do Xingu, criado em 14 de abril de 1961, pelo Decreto-Lei Nº 50 555, foi assinado pelo presidente Jânio Quadros. Possui área de 32 000 km, ao norte do Estado de Mato Grosso, ao longo do curso inicial do rio Xingu, desde a região de seus formadores, ao sul, até a cachoeira Von Marthius, ao norte, nos limites com o Estado do Pará. Atualmente, denomina-se de Parque Indígena do Xingu a extensão de terra de 2 825 470 ha, formada pelas áreas contíguas das terras indígenas: Parque Indígena do Xingu (2 642 003 ha), *Batovi* (5 159 ha), *Wawi* (150 328 ha) e *Pequizal do Naruvôtu* (27 980 ha).

Localização do Parque Indígena do Xingu



Elaboração: Vitti, 2014.

O povo Kamaiurá, falante da língua tupi-guarani, vive em três aldeias: Ipavu (localizada às margens da lagoa de mesmo nome e composta por 351 pessoas);³ Morená (localizada na confluência dos rios Batovi, Kuluene

³ Fonte: pesquisa de campo, julho de 2013.

e Ronuro, cuja população é de 67 habitantes),⁴ e Jacaré (localizada na antiga base da Força Aérea Brasileira (FAB), com 21 moradores).⁵

Esse estudo foi desenvolvido na aldeia de Ipavu, que segue o modelo de construção alto xinguano, com suas casas ovaladas ao redor de um pátio circular. No centro do pátio, localiza-se a Casa dos homens (*Tapyy*), ou Casa das flautas, local de reunião das lideranças, recinto exclusivo dos homens, onde são guardadas as flautas *jakuí*. Do lado de fora, junto à Casa, há um banco no qual os homens se reúnem ao final da tarde para fumar seus longos cigarros e conversar sobre o cotidiano da aldeia. O número de moradores das casas varia bastante. Algumas abrigam apenas uma família nuclear; outras, famílias ampliadas que reúnem consanguíneos e afins. Em seu interior, o espaço central é reservado à cozinha (coletiva) e à estocagem do polvilho de mandioca. As redes de dormir dos moradores se distribuem nos demais espaços.

O objetivo desse trabalho é investigar a frequência das visitas dos jovens Kamaiurá às cidades do entorno do Parque, especialmente no município de Canarana.⁶ De modo geral, são os jovens que mais frequentam a cidade, diante disso, optamos por estudá-los, com o intuito de verificar que tipo de mudança os afeta ao ficarem expostos aos estímulos inerentes à vida na cidade; e o modo pelo qual reagem a esses estímulos, organizam e acomodam, na aldeia, informações, valores e bens que adquirem nessas viagens.

Os Kamaiurá dizem que alguns dentre eles viajam pelo menos uma vez por mês para Canarana. Hoje, há três opções para alcançar a cidade: taxi aéreo, rápido (50 min.), porém muito caro (R \$2 000.00 por voo); ida e volta de barco (sete horas de barco e três horas em estrada secundária em veículo fretado pelo valor de R \$2 000.00); ida e volta por estrada (oito horas e mais uma hora em estrada secundária que atravessa os limites do Parque, cujo valor é de R \$1 800.00).

Como o custo da viagem é alto, sua regularidade normalmente depende de condições financeiras. Por isso, os Kamaiurá acumulam as demandas a serem resolvidas —reparos de motores, compras em geral, recebimento

⁴ Fonte: pesquisa de campo, julho de 2013.

⁵ Fonte: pesquisa de campo, julho de 2013.

⁶ Canarana está localizada no nordeste do estado de Mato Grosso com uma população de 18 754 habitantes. A maioria da população é de origem do estado do Rio Grande do Sul, cidade de Tenente Portela, atraída para região em meados de 1970 por meio de projetos de colonização. Atualmente, dentre os moradores do município 80% são gaúchos ou descendentes diretos dos colonos que chegaram à região na década de 1970.

de salários—, até conseguirem o dinheiro para as viagens. Os indígenas também costumam pegar carona em meios de locomoção que transportam pacientes, pesquisadores e visitantes.

A cidade de Canarana é o primeiro contato com o “mundo dos brancos”. A proximidade facilita visitas, compras e passeios. Num primeiro momento, foi possível perceber jovens, que futuramente serão os responsáveis pela condução das aldeias, bem familiarizados com a vida urbana, inclusive fazendo amplo uso, na aldeia, das novidades encontradas em Canarana, como televisão, DVDs, tablets, notebooks, tênis e roupas de marca. Os recursos para a aquisição desses bens de consumo provêm dos assalariados que desempenham diversas funções na aldeia (professor, merendeira, agentes indígenas de saúde), da doação de amigos e pesquisadores, de projetos como o de Ecoturismo e de direitos autorais de imagem.

Quando estão na cidade, os jovens parecem acostumados ao estilo de vida citadino, alguns se comportam como os adolescentes locais, bebendo, arrumando briga e, eventualmente, sendo fichados na delegacia do município. É assim que os jovens do sexo masculino sentem especial atração por um contato mais íntimo e curioso com as coisas de um mundo que está a algumas horas da aldeia. As visitas a Canarana parecem ser algo plenamente integrado às perspectivas quotidianas e à expectativa de vida dos jovens xinguanos.

Os rapazes acham que Canarana é boa para passear, fazer compras, jogar futebol e tomar cerveja, mas são unânimes em dizer que o melhor lugar para se morar é a aldeia, porque lá têm família, casa, amigos e comida. A cidade, com todos os atrativos, só desperta interesse nos rapazes se eles tiverem dinheiro, caso contrário, torna-se monótona e insípida. Alguns levam artesanato para vender e acabam gastando o dinheiro com bebidas e garotas de programa.

Dentre as moças entrevistadas, apenas três nunca foram a Canarana, mas imaginam como é a cidade pelo que veem na televisão e pelos comentários das amigas que já estiveram lá. As três têm vontade de conhecer a cidade para passear e comprar vestido. As moças foram em situações diversas à cidade: as mais novas acompanhando os pais, algumas o marido; outras, os filhos doentes que necessitam de tratamento médico na Casa de Saúde Tuiuiú.

Canarana, sendo o portal de entrada para o mundo branco, representa o primeiro contato com o capitalismo e tudo que ele traz consigo; sem falar nas questões subjetivas, como a geração de sentidos e a assimilação de signos estranhos ao imaginário indígena.

Mesmo procurando manter a tradição, novas atitudes são percebidas na crescente necessidade de consumir produtos que não fazem parte da cultura tradicional, mas estão paulatinamente sendo incorporados à rotina da aldeia. Os Kamaiurá como um todo vão, ainda que de forma tímida, em direção à modernidade; os jovens assumem comportamentos da cidade e aspiram ao desenvolvimento proporcionado por ela.

Diante desse contexto cultural mais complexo, algumas atitudes indicam que uns poucos jovens passam por um processo de transição, indefinição, por um momento de mudança. É uma passagem delicada na qual se mostram entediados, permanecendo muitas horas na rede, ouvindo música, levantando-se apenas no fim da tarde para o tradicional jogo de futebol no centro da aldeia.⁷

Para apreendermos o processo, que chamamos de transição, identificamos o montante de jovens residentes na aldeia de Ipavu; das 351 pessoas, 71 (36 mulheres e 35 homens) são jovens com idade entre 15 e 25 anos, o que corresponde a 20.22% da população total. Selecionamos aleatoriamente 26 pessoas (13 moças e 13 rapazes), distribuídas pelas 22 casas existentes, para investigar de forma mais sistemática a interferência que as idas à cidade têm sobre eles. Entrevistamos jovens e seus respectivos pais com o propósito de averiguar o comprometimento da nova geração com as instituições tradicionais, além de registrar o diálogo estabelecido entre costumes antigos e atuais.

Para muitos jovens (moças e rapazes), Canarana não é a única cidade que conhecem: São Paulo, Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro, e também outros países, fazem parte do rol de localidades visitadas. Várias vezes, indagados sobre qual o melhor local para morar, se na aldeia ou na cidade, as respostas foram muito semelhantes: lugar bom para morar é a aldeia, porque temos nossa casa, família, e comida; já na cidade a vida é muito difícil, pois precisa-se de dinheiro para tudo, tomar água, refrigerante. Mesmo se tivessem dinheiro para morar na cidade, a aldeia ainda seria vista como o melhor lugar para morar.

O foco desse artigo são os jovens, por isso, achamos importante verificar se a prática da reclusão pubertária (instituição tradicional de grande relevância para marcar a passagem da infância para a vida adulta) vigorava nos mesmos moldes de tempos passados. Fizemos levantamento de quantos jovens haviam passado pela reclusão e qual o tempo de

⁷ Para um relato atual de como o novo e o tradicional se misturam no cotidiano da aldeia, ver Carmen Junqueira. Dinâmica cultural. *Revista de Estudos e Pesquisas*, VI, 1, 2004: 215.

sua duração. Entrevistamos pais e filhos, buscando verificar se atribuíam à reclusão destaque no desenvolvimento físico e social da pessoa, além de cumprir a função relativa à transmissão de conhecimentos. A reclusão, tanto masculina quanto feminina, marca um período no qual o jovem é submetido a regras e tabus, e faz parte de complexos procedimentos importantes para a integração das pessoas na sociedade.

Há uma fase que poderia ser denominada de pré-reclusão, na qual o jovem é preparado e constantemente lembrado pelo pai sobre o sentido da reclusão e do comportamento que se espera dele. A partir dessa etapa da vida a personalidade é construída e o jovem se prepara para ser um bom lutador de *huka huka* e ganhar prestígio e reconhecimento social.

A reclusão masculina tem início com a chegada dos sinais da puberdade, ficando a critério dos pais a determinação do tempo da reclusão. Os sinais que definem o início desse período são a mudança na voz e o crescimento dos órgãos genitais. O período de reclusão pode durar até quatro anos, com interrupções de três a sete meses.

Os principais propósitos da reclusão envolvem o desenvolvimento dos jovens, a capacitação para que se tornem grandes lutadores de *huka-huka* e o aprendizado do artesanato. Oberg [1953: 65], relata que, durante a reclusão, aos meninos eram ensinados mitos e história dos feitos de homens importantes no passado; além de como tocar flautas, fazer arcos e flechas de melhor qualidade e, eventualmente para alguns, sobre crenças religiosas e práticas espirituais.

Durante esse período, os jovens são submetidos à escarificação e à ingestão de raízes para engordar e fortalecer o físico. Em Tavares [1994: 88-90], encontramos alguns exemplos de raízes ingeridas: *Kumanaum* (só os homens a utilizam para ficar forte, bonito e bom lutador), *Lepotisin* (boa para ficar forte, é indicada também para destroncamentos e torções), *Porwoin* (serve para a falta de apetite do recluso), *Wyarupu* (serve para mulheres e homens magros que não conseguem engordar na época da reclusão), *Yepoan* (engorda a pessoa que está muito fraca e também é passada na pele após a escarificação), *Amuniyw* e *Tiranu* (usadas como cicatrizantes), *Moitesen* (pode ser passada na pele como cicatrizante, para ficar forte e quando se quer engordar), *Timon* (utilizada quando o recluso está muito cansado depois de ter lutado *huka-huka*), *Morototoup* (utilizada para curar a tontura do preso) e *Morototouvi* (usada junto com a *Morototoup* para tontura).

A alimentação é controlada e em algumas etapas ocorre a proibição de certos alimentos, como peixe assado, permitindo-se apenas a ingestão de cauim. Nesse período, as regras devem ser seguidas à risca, não sendo permitido a uma mulher menstruada se aproximar ou tocar na comida

do recluso; é vedado a ele a ingestão de doce e de pimenta, e o peixe deve ser apenas cozido.

Em nosso levantamento, verificamos que a reclusão continua ocorrendo, embora com variações em sua duração. Antigamente o tempo era superior a dois anos. Hoje, não ultrapassa um ano. Os rapazes com idade superior a vinte e cinco anos relatam que ficaram reclusos por três anos ou mais, enquanto os jovens da faixa etária entrevistada (de quinze a vinte e cinco anos) ficaram em média um ano.

A ingestão das raízes pode provocar intoxicação, causando graves problemas de saúde e até mesmo levando a óbito. Em 2002 e 2013 dois rapazes faleceram durante a reclusão e, por se tratar de um caso recente, a comunidade ainda revela sinais de apreensão em relação à ingestão do remédio de raízes.

Há informações de que essa não foi a primeira vez que ocorreu desastre semelhante. Dos pais entrevistados, nenhum soube dizer ao certo o porquê das mortes, embora muitas histórias sejam construídas com base na crença da feitiçaria. Outras explicações apontam o descuido dos familiares com pequenos detalhes da vida doméstica, como tomar por engano a raiz, a mulher menstruada se aproximar dos reclusos, o jovem ir ao mato para satisfazer as necessidades fisiológicas sem estar acompanhado de algum familiar.

Alguns pais se dizem receosos de colocar os filhos na reclusão com medo de paralisia e atrofia dos membros superiores e inferiores ou da morte provocada pela ingestão de raízes. Dentre os rapazes entrevistados, quatro não ficaram reclusos; dois são irmãos do rapaz que faleceu em 2002, cujo pai, temendo que o fato pudesse ocorrer novamente, achou mais seguro não os aprisionar; razão pela qual o pai dos dois outros rapazes também não quis colocá-los na reclusão.

Não há forma de se ter segurança sobre esses eventos. Segundo Oberg, já em 1948 era difícil manter os meninos em reclusão e alguns pais eram negligentes em impor as regras pubertárias.

Diante dessa resposta, indagamos: não é na reclusão que o jovem recebe ensinamento sobre a cultura Kamaiurá e aprende a fazer artesanato? E, se ele não ficar preso, como vai aprender tocar flautas? Como resposta, afirmaram que os pais podem ensinar seus filhos sobre a cultura Kamaiurá sem que o jovem precise ficar recluso ou o jovem pode pedir ao pai ou a um parente próximo que o ensine.

Mesmo receosos, os pais acham que é um momento importante na vida do rapaz, no qual ele se preparará para se tornar adulto e ser um bom lutador de *huka-huka*.

Dos rapazes entrevistados, um deles está recluso há um ano, devendo sair em meados de setembro, quando acaba a época das festas. Durante esse período, teve dormência e atrofia nos braços, mãos e pernas, precisando ser alimentado na boca pelos familiares; tomou muito remédio (*Koan*) para retomar os movimentos. Após o susto, quis continuar recluso, mas parou de tomar raízes. Disse ter gostado de ficar preso, pois aprendeu a fazer muitas coisas. Nos dias em que antecedem o *Kwaryp*,⁸ costuma sair por algumas horas para treinar *huka-huka* no centro da aldeia.

Num estudo realizado por Pinto e Baruzzi [1991], com dados do período 1978-1985, a população do Alto Xingu tinha 470 jovens entre onze e vinte anos, dos quais 242 eram do sexo masculino. Desse total, 133 ficaram em reclusão pelo menos uma vez, e suas idades variavam entre 13 e 20 anos —a maioria tinha entre 13 e 17 anos—; 24 desenvolveram sintomas de intoxicação; sete morreram e 17 apresentaram neuropatia periférica. O estudo mostrou que a morte associada à reclusão masculina resultou do uso de plantas em forma de infusões e unguentos durante o processo de purificação.

As meninas entram em reclusão após a primeira menstruação, permanecendo deitadas na rede até que cesse o fluxo menstrual, quando se inicia a fase de ingestão de remédios. A reclusão dura em média um ano ininterrupto. Até o sexto mês as meninas ingerem remédios, diferentes dos masculinos, que deverão deixá-las fortes e gordas. O restante do tempo é dividido entre aprendizado e escarificações. Ao contrário dos meninos, elas ficam sedentárias, não desenvolvendo nenhum tipo de atividade física —atividades como o banho são feitas dentro de casa, no local em que ela se encontra reclusa—. As saídas são restritas e ela só pode sair para fazer as necessidades fisiológicas acompanhada de sua mãe, avó, tia ou irmã mais velha e com a cabeça coberta com um pano.

Eventualmente, quando se aproxima o *Kwaryp*, elas podem sair para dançar a flauta *Uruá* por algumas horas, à tarde. O fim da reclusão é um momento de grande alegria para os familiares e, a partir de então, a jovem pode se casar.

Com exceção de duas irmãs, que permaneceram apenas quatro meses, pois achavam tedioso ficar presa sem sair de casa, as moças entrevistadas ficaram reclusas por pelo menos um ano. Os pais das duas moças informaram que não poderiam obrigá-las a permanecer mais tempo presas. Quando indagamos sobre como aprenderiam a fazer artesanato, responderam

⁸ *Kwaryp* é o ritual em homenagem aos mortos.

que elas poderiam pedir para que algum parente as ensinasse; de fato isso ocorreu, uma delas é boa tecelã de esteiras e foi ensinada pela tia.

Verificamos que a maioria dos jovens ainda entra em reclusão pubertária, mesmo que por período menor ao de antigamente, persistindo sua importância na formação de homens e mulheres.

Outro indicador relevante da integração na vida comunitária dos jovens que se tornaram adultos é a abertura de roças, condição preliminar para que possam se casar. Cabe ao homem, a abertura e o preparo da roça de onde provém a mandioca, matéria-prima do beiju, alimento básico da dieta Kamaiurá. Dos 13 rapazes entrevistados, quatro já são casados, têm roça aberta, trabalham e pescam para o sustento da família; quatro são solteiros, mas possuem roça; dois, de 17 e 18 anos, ainda não ficaram reclusos; há apenas um recluso e outro que não tem planos de abrir roça.

Existe inquietação entre os mais velhos no sentido de encontrar um meio de manter as tradições, já que percebem a atração dos jovens pela cidade e o relativo descuido com os costumes tradicionais. Para tentar minimizar esse hiato de gerações e fazer com que os jovens aprendam e pratiquem os costumes dos antigos, foi criada na aldeia, em 2001, a Escola de Cultura *Mawaiaka*, cujo objetivo é estimular os mais jovens a acatarem os valores e as instituições da cultura Kamaiurá.

Atualmente, a Escola Indígena Estadual *Mavutsinin* possui um professor de cultura Kamaiurá e quatro professores indígenas, atendendo oito turmas (quatro no período matutino —com alfabetizados e crianças em alfabetização—; quatro no período vespertino —também com alfabetizados, crianças em alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (EJA)—, com cerca de 70 alunos, duas merendeiras e uma diretora não indígena.

A maioria dos rapazes entrevistados frequentou a escola por algum tempo (parando apenas na época da seca para abrir e preparar a roça. Pelo fato de a seca coincidir com a temporada das festas, a interrupção temporária dos estudos visa garantir os treinos de *huka-huka* e a participação em festas de outras aldeias); deixando de frequentar as aulas durante a reclusão e ao se casarem, quando passarão a cuidar do sustento da família. O mesmo acontece com as moças: frequentam esporadicamente as aulas quando crianças; interrompem os estudos durante a reclusão, parando definitivamente ao se casarem, para cuidar do marido e dos filhos.

De modo geral, os jovens acreditam que mesmo num futuro distante, a aldeia sempre existirá na forma como eles a conhecem hoje: limpa, bonita, com muitas roças. E eles desejam transmitir para seus filhos e netos os mitos, as histórias e a arte de tocar flautas.

Apesar das andanças e dos passeios a Canarana, observamos como as amarras que ligam o jovem à vida da aldeia são fortes e repousadas sobre pilares culturais próprios. Em julho, acompanhamos a *Festa da Takwara* na qual, mesmo os rapazes que sentem maior fascínio pela cidade participaram lindamente ornados, tocando as longas flautas por horas a fio. Detalhe sugestivo é que as flautas foram confeccionadas com tubos de PVC —mais leves que os de taquara, segundo os tocadores—. Do instrumento original restava o bocal feito de taquara. “Essas flautas cansam menos e o som é semelhante às antigas,” afirmavam.

Embora os deslocamentos para Canarana sejam frequentes, moças e rapazes são unânimes ao afirmar que a cidade é boa apenas para compras e passeios. Verificamos que por parte dos jovens não há o desejo de trocar a segurança da vida na aldeia, onde possuem casa, amigos e comida, pela cidade, porque em Canarana necessitam de dinheiro para sobreviver e se divertir.

Na cidade, aparentam estar acostumados ao estilo de vida urbana e alguns acabam se comportando como os jovens locais, frequentando bares, prostíbulos, boates e até se envolvendo em brigas. Há os que adquirem hábitos urbanos, predileção por uso de roupas da moda, televisão, motos e computadores. Mas eles também sentem o preconceito, nem sempre velado, dos não índios.

Suas relações deixam de ser frias apenas quando se envolvem em transações comerciais nas lojas de artigos baratos, supermercados e hotéis populares. Tudo indica que a discriminação que sofrem impede a criação de vínculos sociais mais estreitos com os moradores de Canarana, empurrando-os de volta à comunidade, onde encontram acolhida na extensa rede de parentesco que ordena as relações e o espaço de que necessitam para se projetarem como pessoas. Por isso, costumam repetir que a cidade é boa apenas quando se tem dinheiro para gastar.

Apesar da atração que esses rapazes sentem pelo movimento da cidade, não se afastam do estilo de vida Kamaiurá, respeitando suas instituições tradicionais. É o caso da reclusão pubertária, fase que marca a passagem da infância para a vida adulta, na qual são transmitidos os conhecimentos tradicionais. A reclusão continua ocorrendo regularmente entre os jovens, moças e rapazes, embora haja variação em sua duração: antigamente era superior a três anos, atualmente não ultrapassa de um ano.

Em relação aos jovens do sexo masculino, o plantio de roça constitui aspecto importante para a inserção na vida social. Ao verificarmos quantos possuíam roça aberta, intencionamos analisar sua integração na vida comunitária e cumprimento de um requisito básico para que possam se casar.

Verificamos que a maioria possui roça, e os que ainda não ficaram reclusos possuem intenção de abri-las.

O cuidado com o corpo —adornos, pinturas e a prática regular das escarificações— também constituem indicadores importantes dos elos culturais entre o jovem e a vida da aldeia. Rapazes e moças se submetem às escarificações seguros de que assim podem garantir um corpo forte e saudável; adornos e pinturas corporais são valorizados pela beleza e perfeição dos traços e usados regularmente nas festas.

Alguns rapazes fazem o corte do cabelo que conjuga o estilo tradicional, com a presença da franja, ao estilo do “branco”, cortando a parte de trás. Gostam do estilo da cidade ao mesmo tempo que, de algum modo, preservam a aparência alto-xinguana. As moças usam cabelo longo com franja, repetindo o padrão próprio das mulheres embora, por vezes, incorporem elásticos, fivelas etc.

As moças seguem com mais atenção os comportamentos ditados pela comunidade: trabalho na roça, processamento da mandioca colhida (descascar, ralar e tirar o sumo venenoso), preparo do beiju e cuidado com filhos são repetidos rotineiramente ao lado das mulheres mais velhas.

A televisão, que exhibe o mundo da cidade do mesmo modo que Canarana, constitui-se em forte apelo ao consumo das novidades: roupas, carros, motos, formas de divertimento e sonhos de uma vida alegre e cheia de conforto que atraem os jovens. Acreditamos que a pouca experiência que possuem com a leitura e a escrita, e igualmente a falta de acesso a boas leituras, não permite que avaliem criticamente a relativização das mensagens vindas do ideário urbano e destinada às massas.

Mas, é importante registrar que mesmo com as viagens a Canarana, persiste em todos eles, rapazes e moças, a crença no papel importante que os espíritos (*mama’e*) e outras entidades da natureza possuem sobre o destino e a conduta Kamaiurá. Recentemente, houve alerta para que eles parassem de fumar, pois, diziam os mais velhos, “os *mama’e*⁹ estavam descontentes com a quantidade de cigarros que estavam fumando”. Houve redução significativa do consumo de cigarros industrializados, embora por pouco tempo.

A autoridade dos mais velhos é evidente em todos os setores da vida na aldeia, embora em diferentes ocasiões revele-se a rebeldia dos jovens, principalmente em Canarana, quando, contrariando conselhos dos idosos, bebem, brigam e eventualmente fumam maconha.

⁹ Mama’e são os espíritos, seres invisíveis, dotado de força espiritual.

É possível afirmar que a vida na aldeia segue um ritmo semelhante ao de algumas décadas passadas, apesar da introdução de alguns hábitos próprios da cidade. A maior facilidade para as viagens a Canarana responde por essa alteração gradual no comportamento dos jovens. Entretanto, o fato de os índios terem assegurado o controle sobre seu vasto território e gozarem de autonomia relativa na gestão dos negócios da aldeia, talvez garanta uma transição suave em direção à modernidade.

Nesse sentido, o papel desempenhado pelos mais velhos e também pelas mulheres representa uma força conservadora destacada bem mais presente que os anseios inovadores dos jovens. Pode se prever que, não ocorrendo alteração significativa na correlação dessas forças, os Kamaiurá poderão continuar a acomodar as mudanças sem correrem o risco de sofrer uma desorganização irreversível em seu modo de vida.

Contudo, para que essa previsão se concretize, é preciso que a Escola amplie seus objetivos e se constitua num núcleo dinâmico de irradiação da ciência e das artes, fazendo do conhecimento um aliado eficaz na decifração dos novos tempos e na escolha de caminhos futuros, que não neguem a generosidade e a igualdade social, até hoje a base da vida comunitária.

REFERENCIAS

Basso, Ellen

1973 *The Kalapalo Indians of Central Brazil*. Holt, Rinehart and Wintson. Nova York. 157 pp.

Galvão, Eduardo

1979 Apontamentos sobre os índios Kamaiurá, in *Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil*, Eduardo Galvão. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 17-38.

Junqueira, Carmen

1978 *Os índios de Ipavu*. Ed. Ática. São Paulo. 111 pp.

2004 Dinâmica cultural. *Revista de Estudos e Pesquisa*, 1, 1: 205-239.

Oberg, Kalervo

1953 *Indians Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil*. Government Printing Office (Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, 15). Washington.

Pinto, Nicanor e Roberto Baruzzi

1991 Male Pubertal Seclusion and Risk of Death in Indians from Alto Xingu, Central Brazil. *Human Biology*, 3, 6, diciembre: 821-344.

Tavares, Sérgio

1994 A reclusão pubertária no Kamayurá de Ipawu, um enfoque biocultural. Dissertação de mestrado apresentada a UNICAMP. Campinas. 155 pp.

Vitti, Vaneska Taciana

2005 Jovens Kamaiurá no século XXI. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP). 124 pp.

Recepción: 16 de marzo de 2014.

Aprobación: 22 de agosto de 2014.